

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
4 de Julho de 2024

**LE MERAUVIGLIE / 2014**  
**(O País das Maravilhas)**

*Um filme de Alice Rohrwacher*

Realização e Argumento: Alice Rohrwacher / Direcção de Fotografia: Hélène Louvart / Direcção Artística: Erita Frigato / Guarda-Roupa: Loredana Buscemi / Música: Piero Crucitti / Som: Christophe Giovannoni / Montagem: Marco Spoletini / Interpretação: Maria Alexandra Lungu (Gelsomina), Sam Lowyck (Wolfgang), Alba Rohrwacher (Angelica), Sabine Timoteo (Cocó), Agnese Graziani (Marinella), Luis Huilca (Martin), Monica Bellucci (Milly Catena), André Hennicke (Adrian), etc.

Produção: Pola Pandora Filmproduktions – Rádiatelevisão Suíça / Cópia: digital, cor, falado em italiano com legendagem em português / Duração: 110 minutos / Estreia em Portugal: Monumental, Ideal, El Corte Inglés, a 25 de Março de 2015.

***A sessão tem lugar na Esplanada***

---

Sessão apresentada por Francisco Valente.

\*\*\*

Ainda sem sabermos que família protagonista de **Le Meraviglie** se dedica à apicultura já estamos a pensar em abelhas ou, vá lá, em insectos: aqueles planos iniciais, os faróis de automóveis a iluminarem a noite e a sugerirem bichos luminosos, como pirilampos. Não é que seja um pormenor especialmente significativo, mas indicia qualquer coisa: a enorme intenção, e a enorme atenção, que a realizadora italiana Alice Rohrwacher pôs neste filme, apenas a sua segunda longa-metragem de ficção depois de **Corpo Celeste**, de 2011. A atenção aos detalhes, a todas as pequenas partículas significantes disseminadas pelo filme, é mesmo uma característica reforçada pelos filmes posteriores da cineasta (**Lazzaro Felice**, **La Chimera**), e é também isto que enriquece uma re-visita a **Le Meraviglie** com o benefício retrospectivo do conhecimento dos filmes que Rohrwacher fez depois dele.

**Le Meraviglie** é um relato de inspiração auto-biográfica, a história de uma família que vive um modo de vida “alternativo”, com uma certa rigidez ideológica (a personagem do pai), algures na paisagem rural da Toscana. O pai, a mãe e as crianças formam uma

espécie de pequena “comuna”, partilhando as responsabilidades do trabalho diário e da condução da família, a ponto de a filha mais velha, com nome de personagem de Fellini (Gelsomina), se vir investida da liderança familiar. A questão da autoridade é um dos temas do filme, dada, como muita coisa em **Le Meraviglie**, em tensão e em contraste. Tensão e contraste, nesse caso, entre o fundamento ideológico – a recusa teórica de uma autoridade absoluta e “natural” por parte do pai – e a autoridade efectiva, e efectivamente paternal, que ele revela ao proibir a miúda mais velha de concorrer a um concurso televisivo sobre “maravilhas rurais” (a televisão também é uma entidade pouco grata naquela família). Se este é o conflito subjacente à narrativa, ele vem lançar, ou servir-lhe de diapasão, outro conflito essencial, que seria resumidamente o que opõe a “natureza” e o “espectáculo”. O filme de Rohrwacher tem a subtileza e a inteligência suficientes para também virar esses termos do avesso, e conter tanto uma reflexão sobre o “espectáculo da natureza” – todas, e são muitas, as cenas em que o que está em causa é a relação entre aquelas pessoas e o ambiente em que vivem, o campo, os lagos, as abelhas e os outros animais – e a “natureza do espectáculo”, as cenas de rotação do tal programa televisivo (onde pontifica a maior vedeta do elenco, Monica Bellucci), dadas desde o primeiro momento a partir do seu carácter artificial e artificioso (todo o aparato da produção). Será este, porventura, o ponto em que o filme, depois de chamar Gelsomina (que, recorde-se, era o nome da personagem de Giulietta Masina em **La Strada**) à sua protagonista, mais entra dentro dum território aparentado ao fellinianismo, mas que também convoca – a partir da reconstituição do tempo dos Etruscos – uma espécie de subconsciente telúrico, como que uma assombração cultural daquelas terras. Quem viu o recente **La Chimera** reconhecerá isto tudo, de Fellini aos Etruscos.

Mas ainda assim, notável é o modo como Rohrwacher filma o “espectáculo da natureza”, a presença dos elementos, o calor do Verão e a humidade da chuva súbita, o à-vontade dos miúdos (e dos adultos) a fazerem “corpo” com o ambiente natural. Lembramo-nos de um texto de Serge Daney, ainda nos anos 80, a comentar a tendência para a desapareição do campo no cinema contemporâneo, cada vez mais urbanizado – e lembramo-nos disso porque, de facto, há algum tempo que não víamos “o campo”, a ruralidade, a entrarem num filme de maneira tão expressiva e tão palpável, a ponto de se tornarem a sua matéria. Não exclusiva, claro: a festa não fica completa sem os humanos, sem a profunda impressão de realidade exalada por aquela família, as cenas de conjunto, em paz ou em tensão mas sempre cheias de “souplesse”, e a forma como daqui se vai recortando uma protagonista, Gelsomina, que atravessa o filme a crescer e, sem nunca verdadeiramente se rebelar, a encontrar-se enquanto criatura autónoma, dotada de vontade e... autoridade.

Luís Miguel Oliveira